

Dr. David DeSilva, Apócrifos, Palestra 9, Apócrifos na Igreja Cristã e no Cânon

© 2024 David DeSilva e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 9, Os Apócrifos na Igreja Cristã e no Cânon.

Chegamos em nossa última palestra desta série a considerar a questão do lugar dos Apócrifos no Cânone Cristão e na Igreja Cristã.

Espero que, a esta altura, eu tenha defendido bem o valor dos Apócrifos como literatura judaica. Nesta palestra, quero apenas examinar o lugar dos apócrifos em vários cânones cristãos e as razões para as decisões tomadas por uma parte ou outra. E gostaria de começar considerando o lugar dos Apócrifos na Bíblia Judaica.

O Judaísmo não parece ter tido as mesmas discussões sobre estes livros que a Igreja Cristã teve durante séculos. Eles quase nunca foram considerados como autoridade bíblica ou algo assim. No entanto, na época em que o movimento cristão primitivo começou, ainda não havia declarações oficiais reais sobre o cânon das Escrituras na comunidade judaica.

Isto é, embora os primeiros cristãos tenham herdado as escrituras da sinagoga, eles não herdaram um cânone fechado da sinagoga. Agora, vamos pensar um pouco juntos sobre o surgimento do cânon na comunidade judaica. Como mencionei, não há registro de discussões internas sobre o cânon que comecem a atingir o nível de vigor, especificidade e rigor dos debates canônicos cristãos dos séculos III e IV ou do período da Reforma.

No entanto, por volta do século II a.C., já começamos a ver amplas referências aos principais agrupamentos dentro de um cânone judaico emergente. Por exemplo, nos 2 Macabeus e tal como no Evangelho de Mateus, encontramos frequentemente referências à lei e aos profetas como forma de falar sobre a coleção de textos autorizados que definem e orientam a comunidade judaica. Em alguns livros, encontramos uma descrição em três partes desse conjunto de literatura.

Por exemplo, no Prólogo de Ben Sirah, o neto de Ben Sirah, por volta de 132 aC, fala sobre a lei, os profetas e os outros livros de nossos ancestrais. Uma espécie de divisão em três partes, que se reflete um pouco em Lucas 24, quando Jesus fala sobre tudo o que foi escrito sobre ele na lei, nos profetas e nos Salmos, como talvez o representante mais importante dos outros livros em termos do vida de adoração de Israel. Agora, há um consenso claro, sem qualquer debate, sem qualquer discussão, sobre a autoridade da primeira destas categorias, a Torá ou o Pentateuco, os cinco livros de Moisés.

Também parece não haver debate sobre a autoridade dos profetas maiores e menores, com isso quero dizer Isaías, Jeremias, Ezequiel e os Doze. Aqueles profetas que tendemos a chamar de profetas menores, mas que já eram um grupo de doze na época de Ben Sirah, como ele se refere a eles em Ben Sirah 49:10. É provável que, quando os judeus falam da lei e dos profetas, eles se refiram não apenas ao que os cristãos chamam de livros proféticos, mas também aos livros históricos, aos quais os judeus historicamente se referiram como os primeiros profetas. Como acabei de mencionar, uma terceira divisão das escrituras, os outros livros, também foi reconhecida, mas seus limites não estavam tão claramente definidos na virada da era.

E é aqui que veremos que onde há debate, é aqui que o debate tende a acontecer. Agora, alguns grupos judaicos parecem ter traçado um círculo estreito em torno das suas escrituras, como os samaritanos, para quem a Torá parece ter sido fundamental. Isso não quer dizer que eles não leram os profetas, mas a Torá era o cânone central.

Outros grupos de judeus parecem ter traçado um círculo mais amplo do que esperaríamos. Por exemplo, a comunidade de Qumran refere-se a livros como Primeiro Enoque e Jubileus como textos autorizados, e trata-os da mesma forma que tratam o que chamaríamos de escrituras canônicas. Como um aparte, Judas, a carta de Judas, curiosamente, recita uma passagem de Primeiro Enoque e espera que ela tenha peso como um texto oficial para seus ouvintes.

No final do século I d.C., contudo, uma compreensão de um conjunto fechado de livros sagrados estava emergindo claramente dentro do Judaísmo. Josefo escreve, por exemplo, em sua espécie de apologia ao modo de vida judaico contra Ápio, ele escreve, pois temos apenas 22 livros que contêm todos os registros, desculpe, que contêm os registros de todos os tempos passados, que são justamente considerado divino. Cinco pertencem a Moisés, que contêm suas leis e as tradições da origem da humanidade até a morte de Moisés.

Os profetas que vieram depois de Moisés escreveram o que foi feito em sua época em 13 livros. Os quatro livros restantes contêm hinos a Deus e preceitos para a conduta da vida humana. Agora, imediatamente, você pode estar pensando, 22 livros? Achei que eram 37.

Josefo e seus colegas enumeram esses livros de maneira diferente de nós. Por exemplo, os 12 profetas menores não são 12 livros. Eles são um rolo, o rolo dos 12.

Então, eles contam como um livro no meio destes 22. E 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, mesmo que ocupem dois rolos, são contados como um livro. Então, Josefo, podemos

explicar a maior parte do nosso Antigo Testamento canônico no 22 de Josefo, embora talvez não em dois dos escritos, talvez não em Ester e Eclesiastes.

O autor de 4 Esdras, 2 Esdras 3-14, refere-se a 24 livros inspirados que podem ser lidos tanto pelos dignos como pelos indignos. E se permitirmos 24, então teremos basicamente todos os 37 livros nos quais dividimos o Antigo Testamento ou a Bíblia Hebraica. Mais ou menos na mesma época, no final do primeiro século, os primeiros rabinos só sentiram a necessidade de fazer pronunciamentos nos seus escritos sobre a autoridade de alguns livros.

Nestes pronunciamentos encontramos afirmações sobre Ester e Eclesiastes, mas negamos o status de escritura sagrada à sabedoria de Ben Sirach. O que isto basicamente nos diz é que, no final do primeiro século, não havia realmente muitos debates em curso. E estes podem ser os únicos livros debatidos.

Na verdade, temos que adicionar Cântico dos Cânticos porque no século II isso ainda está sendo debatido em alguns textos rabínicos. Então, esses quatro seriam os únicos livros realmente debatidos, com algumas pessoas talvez pressionando para que Ben Sirach fosse incluído. E com algumas pessoas pressionando para que Ester, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos fossem deixados de lado.

Por que decidir contra Ben Sirach e outros livros semelhantes enquanto decide sobre Ester, Eclesiastes e similares? Parece ser, quero dizer, em termos do que é realmente explicado na literatura, parece ser a convicção de que a voz profética não falou mais depois que a reconstrução do segundo templo foi concluída. Assim, com a obra de profetas como Ageu, a voz profética cessou. Você sabe, aquele último empurrão para concluir a construção do segundo templo e tudo o mais.

E, claro, Eclesiastes, sendo um tributo a Salomão, entra porque é considerado um texto do século IX aC. E Ester é considerada um texto do período persa. Então, eles chegaram cedo o suficiente para terem aparecido enquanto a voz profética ainda estava ativa.

Josefo, no mesmo livro contra Ápio, dá testemunho disso como a principal justificativa. De fato, nossa história foi escrita desde Artaxerxes de uma maneira muito precisa, mas não foi estimada com a mesma autoridade que a primeira pelos nossos antepassados, porque não houve uma sucessão exata de profetas desde a época de Artaxerxes. Assim, apesar de continuarem a ser produzidos textos que testemunham a história sagrada de Israel após o período persa, estes livros não recebem a mesma estima porque a voz profética cessou.

Você também pode recorrer a vários textos de 1 Macabeus em busca de evidências de que estamos esperando que um profeta venha nos dar instruções, mas não as temos regularmente. Num texto rabínico, encontramos o mesmo tipo de argumento

cronológico. O livro de Ben Sirah e todos os livros escritos a partir daquele momento não contaminam as mãos.

Então, há uma espécie de sentido temporal. Depois de certo ponto, a voz profética cessou. Deveríamos apenas mencionar aqui que a literatura rabínica usa uma metáfora contra-intuitiva para falar sobre canonicidade.

Os livros que são sagrados contaminam as mãos. O que eles realmente comunicam é santidade, mas isso ainda é algo com o qual você precisa lidar antes de passar para a próxima tarefa. Livros que não são canônicos não contaminam as mãos.

Agora, um consenso crescente em relação a um cânone fechado não significa que os judeus parem de ler, valorizar ou mesmo estimar textos fora desse cânone. Como já discutimos, Ben Sirah é citado na literatura rabínica quase cem vezes. Às vezes, ele é citado pelo nome.

Às vezes, seu material é citado, não pelo nome. Às vezes, seu material é recitado como se viesse de Provérbios. Um erro incomum para os rabinos cometerem, mas acontece.

No entanto, ele continua a ser um interlocutor valioso e, mesmo depois de tomada a decisão, é apenas um livro comum. Continua sendo um livro de um sábio que vale a pena ler. E depois temos este testemunho do 2º Esdras, que já encontramos no nosso levantamento de todos os livros dos Apócrifos.

94 pergaminhos são escritos 40 dias após Esra beber esta mistura ardente, que obviamente recebe inspiração divina. Assim, ele reconstitui os 24 livros canônicos, mas também dita outros 70 livros, que devem ser lidos apenas pelos dignos ou sábios do povo. Estes livros extra-canônicos não terão peso entre os judeus comuns, mas continuam a ser lidos por este grupo esotérico, do qual emerge o livro do 4º Esra.

Este grupo esotérico considera-se o sábio entre o povo. Agora, ao pensarmos no cânone judaico, sinto que é necessário passar um breve período de tempo pensando no mito do cânone alexandrino. Este é um mito que está desaparecendo.

Mas ainda se pode encontrar nos livros a ideia de que os judeus alexandrinos tinham um cânone muito mais amplo do que os judeus palestinos. Encontramo-lo especialmente entre autores ortodoxos gregos. Eles não precisam traçar um perfil aqui, mas acontece que eles pensam que seu cânone é baseado em um cânone judaico alexandrino.

O mito é que o que encontramos na chamada Septuaginta da igreja cristã dos séculos IV e V é a mesma Septuaginta que os judeus de língua grega usavam na época de

Cristo. Isso resulta apenas da confusão sobre o significado do próprio termo. Sim, falamos sobre a Septuaginta no século I AC.

Mas por Septuaginta aqui, queremos dizer a tradução grega da Torá que aconteceu por volta de 250 aC e, eventualmente, a tradução grega dos profetas e dos escritos. Mas não queremos dizer, portanto, tudo o que aparece na Septuaginta como é conhecido na igreja cristã nos grandes manuscritos, Codex Sinaiticus, e o que quer que seja, as Bíblias encadernadas dos séculos 4 e 5 da igreja cristã primitiva. O conteúdo deste último não é evidência do que os judeus alexandrinos consideravam canônico antes da era cristã ou depois da era cristã, aliás.

Em vez disso, todas as evidências que temos de um Filo de Alexandria, por exemplo, sugerem que eles nunca foram além do que seria chamado de Bíblia Hebraica em termos do seu sentido dos limites das Escrituras. O que tudo isso tem a ver com o cânone cristão? Bem, primeiro, sim, a igreja certamente herdou um corpo de escrituras autorizadas, mas a igreja nasceu muito cedo para ter herdado uma lista fechada de escrituras da sinagoga como um dado adquirido. Além disso, penso que é relevante que a igreja primitiva estivesse ansiosamente à procura de um corpo maior de textos nos quais visse a sua própria fé, esperança e ethos distintivos refletidos e apoiados.

Obviamente, o cânon cristão será muito mais denso que o cânon judaico porque adotamos as cartas de Paulo, os Evangelhos, as cartas dos outros apóstolos e assim por diante. E a igreja primitiva ansiava por esse tipo de literatura. Ele herda um certo corpo de escrituras, mas as cartas de Paulo emergem muito rapidamente como escritos autorizados, úteis, fundamentais e, portanto, eventualmente canônicos, para esse novo grupo.

A igreja primitiva também, neste tipo de busca pelos textos que alimentavam a nossa identidade, passou a atribuir alta autoridade a outros textos judaicos além dos do Novo Testamento que também não gozavam de igual estima com as escrituras sagradas na comunidade judaica. Agora, já tratamos um pouco da questão do uso dos Apócrifos nas primeiras igrejas. Será que Jesus e os seus primeiros seguidores consideravam Ben Sera, Sabedoria de Salomão ou Tobias, por exemplo, como parte das suas escrituras, parte de um cânon de textos sagrados? E nossa resposta tem que ser, provavelmente não, já que eles nunca recitam uma passagem de um livro apócrifo com uma fórmula de citação como está escrita, ou como o Espírito diz, ou com alguma outra fórmula introdutória que atribua autoridade a este material dos Apócrifos. como vindo das escrituras.

No entanto, a marca inequívoca de alguns dos escritos apócrifos nos escritos do Novo Testamento mostra que Jesus, Paulo e outras vozes do período apostólico valorizavam os seus conteúdos como recursos para a ética, a reflexão sobre Deus e outros assuntos. E eu diria que à medida que a igreja primitiva se desenvolveu, e aqui

estamos olhando mais para os séculos II e III, valorizar os livros apócrifos juntamente com as Escrituras, e mesmo em muitos casos como Escrituras, foi um fenômeno distintamente cristão. Os cristãos dos séculos II e III reconheceram sem dúvida a influência da Sabedoria de Ben Sera nos Evangelhos, na Carta de Tiago.

E então, concluíram, talvez eu devesse conhecer a Sabedoria de Ben Sera. Talvez eu devesse me familiarizar com isso, que teve algum impacto em nossos documentos fundacionais. Eles também descobriram que os livros apócrifos, os livros que hoje chamamos de Apócrifos, eram recursos úteis em suas próprias lutas.

Por exemplo, as histórias dos mártires do 2º e 4º Macabeus, como já exploramos. E, portanto, esta é uma literatura inspiradora de primeira linha quando nós, como igreja emergente, enfrentamos nossos desafios mais sérios. E a igreja primitiva continua consciente de que a comunidade judaica não aceita estes textos como escrituras.

Então, na verdade, encontramos debates contínuos desde os primeiros séculos sobre como usar esses livros que passaram a ser rotulados pelos protestantes como apócrifos. Aceitamos a definição judaica de cânon? Ou não? Visto que, obviamente, não aceitamos a sua definição de cânon no que diz respeito a Jesus e aos Apóstolos. Encontramos nosso próprio caminho, e o que você tem? Assim, uma das questões importantes que emerge neste debate, e esta é provavelmente a questão mais conservadora entre as duas, é qual texto de um livro específico deve funcionar como a forma canônica desse livro na igreja cristã, a forma grega ou a forma hebraica? Esta questão já cobre os acréscimos a Daniel, a versão maior de Ester, e curiosamente, Baruque e a Carta de Jeremias, que foram quase uniformemente considerados acréscimos a Jeremias.

E então, meio que parte do corpus de Jeremias, por assim dizer. A forma grega, portanto a forma mais gorda desses corpos de literatura, foi apoiada e usada por figuras de autoridade como Irineu em seu *Contra as Heresias*, ou Hipólito em seu *Comentário sobre Daniel*, porque ele comenta todos os 14 capítulos, não apenas 12 capítulos. E até mesmo por Atanásio em sua famosa 39ª Carta Festal, que é o texto de referência para a documentação inicial do cânon do Novo Testamento.

Mas essa mesma Carta Festal fala também do cânon do Antigo Testamento. Curiosamente, Atanásio é reservado em relação a livros apócrifos como Sabedoria de Salomão e Sabedoria de Ben Sirah. Ele promove seu uso, mas não seu status igual, com Isaías e Deuteronômio.

Mas, ao mesmo tempo, ele promove especificamente os textos gregos de Daniel e Ester, daí os acréscimos a Daniel, os acréscimos a Ester e tudo o mais. Um desafio a esta prática foi colocado por um estudioso cristão chamado Julius Africanus durante

o início do século III. O desafio provavelmente surgiu porque ele passou algum tempo morando e aprendendo na Judéia.

Ele foi exposto à prática judaica, aos textos judaicos e aos tipos de texto desses livros. Ele escreveu à origem questionando se aquelas partes de Daniel que não estão no texto hebraico deveriam ou não ter algum peso na igreja cristã. E a origem lhe dá uma resposta espirituosa, para dizer o mínimo.

Origin é diretor de uma escola catequética em Alexandria. Ele próprio é um estudioso de hebraico. Ele conhece bem a tradição do texto hebraico das escrituras e como ela difere da tradição do texto grego.

Mas ele escreve em resposta a Africanus. E então, quando notamos diferenças como as que você apresentou, devemos imediatamente rejeitar como corrompidas as versões das Escrituras usadas em nossas igrejas? E exorte a comunidade cristã a jogar fora os livros sagrados que usa atualmente. E fazer uma petição aos judeus, persuadindo-os a nos dar cópias que supostamente estarão inalteradas e livres de falsificação? Devemos pensar que a mesma providência, que é provida para a edificação de todas as igrejas de Cristo por meio das sagradas escrituras, não cuidou daqueles que foram redimidos por um preço? Aqueles por quem Cristo morreu? A quem, embora Filho de Deus, Deus que é amor, não poupou, mas o entregou por todos nós? Para que com ele Deus nos dê gratuitamente todas as coisas? Nestes casos, considere se não seria bom lembrar as palavras, e você não deve remover os antigos marcos que seus pais estabeleceram. Assim, Orígenes estabelece em termos inequívocos que Africanus está errado ao fazer este desafio.

E ele usa dois argumentos. Por um lado, as igrejas cristãs têm utilizado durante séculos os textos gregos de Daniel e de Ester. E agora é errado mudar essa prática.

Remova os marcos que seus pais estabeleceram. Mas ele também retira este argumento teológico e levanta a questão. Agora, deixe-me ver se entendi.

Você pensa que os judeus que não acreditam em Cristo terão tipos de texto melhores do que nós que acreditamos em Cristo, que aceitamos esse incrível presente e preço que o Filho de Deus pagou por nós. Devemos supor que o Deus que nos amou tanto para nos dar seu Filho também não pensou no tipo de texto bíblico que deveríamos ter e usar em nossas igrejas? Este argumento resolve em grande parte a questão para as igrejas cristãs. E não há muito mais debates do que sobre se deveríamos usar o Daniel hebraico versus o Daniel grego, o Ester hebraico versus a Ester grega.

Haverá alguns, mas não tantos quantos continuam colocando a segunda questão. O cânon judaico é determinante para o cânon cristão do Antigo Testamento? Deixando de lado o fato de que a igreja cristã já possui 27 livros de escrituras que a sinagoga

não possui. E encontramos vários pais importantes da igreja primitiva promovendo um cânon mais curto do Antigo Testamento.

Mesmo enquanto alguns desses pais promovem o texto mais longo de alguns dos livros do cânon hebraico, no final do século II, Melito de Sardes apresentou sua lista dos livros do Antigo Testamento, que correspondem ao cânon protestante moderno, menos Ester, como fruto de seu estudo na Palestina. Como ele diz, no mesmo lugar, ou talvez onde, como diz Eusébio, no mesmo lugar onde essas coisas foram proclamadas e aconteceram.

Um século depois de Orígenes, Atanásio, bispo de Alexandria, tentou promover a mesma lista mais curta do Antigo Testamento, agora incluindo Ester. Novamente, os acréscimos a Daniel e aos gregos Ester, Baruque e Carta de Jeremias estão incluídos. Ele escreve sobre o cânon em sua famosa carta festiva.

Existem outros livros além destes, não incluídos no cânon, mas designados pelos pais para serem lidos por aqueles que recentemente se juntaram a nós e que desejam ser instruídos na palavra da piedade. A Sabedoria de Salomão e a sabedoria de Sirach e Ester e Judite e Tobias e aquilo que é chamado de Ensino dos Apóstolos, que conhecemos como Didaqué e o pastor de Hermas. Mas os primeiros, isto é, todos os livros canônicos listados, os primeiros, meus irmãos, estão incluídos no cânon, sendo os últimos apenas lidos.

Nem há qualquer menção de escritos apócrifos em qualquer lugar. E apresso-me a acrescentar aqui que por escritos apócrifos, ele obviamente não se refere aos que acabou de listar, Sabedoria de Salomão e Eclesiástico. Ele está falando sobre apócrifos do Novo Testamento, evangelhos gnósticos como o Evangelho de Tomé ou atos estranhos dos apóstolos como os atos de Paulo e Tecla.

Então aqui o que encontramos é aquela posição que ressurgiria na Reforma de um cânon mais curto, um delineamento de um cânon mais curto do Antigo Testamento, mas a promoção contínua da leitura desses livros extras, Sabedoria de Salomão, Sabedoria de Sirach, etc., como literatura útil que edifica, mas simplesmente não possui a autoridade das escrituras canônicas. O maior defensor da versão hebraica de um cânon mais curto do Antigo Testamento e do tipo de texto hebraico dos livros canônicos foi Jerônimo, um estudioso e bispo do século IV. Jerônimo aprendeu hebraico na Palestina com um rabino.

Ele produziu sua tradução latina que viria a ser conhecida como Bíblia Vulgata, baseada em grande parte nos textos hebraicos, na medida do possível. Ele notou e marcou as diferenças entre as versões grega e hebraica de Daniel, Ester e Jeremias, embora tenha fornecido uma tradução de tudo. Ele também designou os livros que chamamos de Apócrifos como livros eclesiásticos.

Novamente, ele os traduziu, mas os marcou como uma segunda ordem de livros. O significado eclesiástico é valorizado na Igreja Cristã, lido adequadamente nas igrejas e usado como recurso edificante, mas é uma segunda ordem de livros. Ora, Agostinho discordava veementemente de seu contemporâneo Jerônimo.

Ele nomeou Tobias, Judite, 1 e 2 Macabeus, 1 Esdras, a Sabedoria de Ben Sirach e a Sabedoria de Salomão, que ele também atribuiu a Ben Sirach por algum motivo, entre os livros do Antigo Testamento, seguindo a prática do maioria dos cristãos na Igreja Ocidental, entre os quais estes livros ganharam reconhecimento como sendo de autoridade. A posição de Agostinho foi afirmada na lista de livros a serem lidos na igreja sob o título de Divina Escritura, elaborada pelos bispos reunidos no Concílio de Cartago em 397 DC. As adições a Daniel e Ester, aliás, embora não mencionadas especificamente por Agostinho ou nesta lista, são naturalmente incluídas porque é o tipo de texto grego de Daniel e Ester que é usado no Ocidente.

Na Igreja Oriental, o próprio professor de Orígenes, Clemente de Alexandria, considerava a Sabedoria de Salomão e a sabedoria de Ben Sirach como escrituras. E João Crisóstomo, que é um teólogo imponente na Igreja Ortodoxa Grega, afirmou Tobias, Judite, Ben Sirach e a sabedoria, além dos textos gregos de Daniel e Ester, e possivelmente os acréscimos a Jeremias, também como escrituras canônicas. Outro tipo de evidência do cânon vem das Bíblias dos séculos IV e V, os códices encadernados, o códice encadernado da Bíblia.

E nada diz cânone como uma capa e uma contracapa, delimitando o que seria incluído. Mas mesmo aqui encontramos variações notáveis entre os três códices sobreviventes dos séculos IV e V. O Codex Sinaiticus inclui primeiro Esdras, Tobias, Judite, primeiro e quarto Macabeus, a sabedoria de Salomão e Ben Sirach.

Todos estes, aliás, preservam as formas mais longas e, portanto, os acréscimos a Daniel e Ester. Mas, veja você, há variedade entre os livros extras entre todos os três. O Codex Vaticanus incluirá primeiro Esdras, Sabedoria de Salomão, Sabedoria de Ben Sirach, Judite, Tobias, Baruque e a carta de Jeremias, mas não os livros dos Macabeus.

O Codex Alexandrinus inclui Baruque, a carta de Jeremias, Tobias, Judite, o primeiro Esdras, todos os quatro livros dos Macabeus, bem como o Salmo 151 e a Oração de Manassés, dentro de uma espécie de suplemento de hinário que aparece logo após os Salmos chamados de Odes. . Esta é uma coleção de hinos bíblicos e, até certo ponto, extra-bíblicos para uso na igreja. Digo extra-bíblico, quero dizer Salmo 151 e Oração de Manassés.

Agora, dois desses códices incluem até alguns livros adicionais do Novo Testamento. Por exemplo, Sinaiticus está incluído em um apêndice, que diz algo como Epístola de

Barnabé e Pastor de Hermas. Alexandrino acrescenta Primeiro e Segundo Clemente após o Livro do Apocalipse.

E de acordo com o Índice, embora esteja faltando agora, já incluiu os Salmos de Salomão. Não sabedoria, mas Salmos de Salomão em um apêndice do Novo Testamento. Agora, claramente, não estamos sugerindo um cânon mais completo do Novo Testamento, porque estes parecem apêndices.

Mas os livros apócrifos que mencionei estão todos intercalados com o Antigo Testamento. Então, o que temos aqui é evidência de um Antigo Testamento ainda amorfo neste período. Há uma questão constante sobre a extensão do cânon do Antigo Testamento, até a Reforma na própria Igreja Católica.

Por exemplo, Gregório, o Grande, João de Damasco, Hugo de São Vítor, Nicolau de Lyra e até mesmo o cardeal Thomas Cajetan, que foi um famoso oponente de Martinho Lutero, argumentaram contra o tratamento dos livros apócrifos como parte e iguais aos livros mais restritos. Cânon do Antigo Testamento. No Oriente, Gregório Nazianzo defenderia um cânon mais curto do Antigo Testamento, mesmo enquanto pregava os textos dos Apócrifos. Agora, o que não é questionado em nenhum momento ao longo deste período é o valor dos livros apócrifos para informar os cristãos, fornecendo modelos de piedade e fidelidade, e de outra forma complementando o conhecimento religioso e ético a ser obtido a partir daqueles livros que são aceitos universalmente em todo o mundo. Igreja Cristã como útil.

Chegamos a este ponto para pensar sobre os Apócrifos e a Reforma. O princípio dos reformadores de sola scriptura, somente as Escrituras, afirmando a autoridade das Escrituras acima das decisões dos concílios da igreja, dos papas, da teologia escolástica e da tradição, como a norma última pela qual a doutrina e a prática cristãs deveriam ser avaliadas, priorizou a resolução da questão. de uma vez por todas, o que constitui a Escritura? Onde estão os limites? Os reformadores clássicos estão conscientes do debate histórico relativo aos Apócrifos. E, como já observamos em nossa marcha pelos Apócrifos, existem alguns textos especificamente problemáticos dentro dos Apócrifos.

Vimos Tobias 4 e o que ele tem a dizer sobre obras de misericórdia, acumular um tesouro para si com o Altíssimo, que se torna um texto usado para apoiar a ideia de que podemos ter obras de mérito com Deus. E mesmo assim, podemos construir um tesouro de mérito ao qual outras pessoas possam recorrer para ajudá-las diante de Deus. Vimos 2 Macabeus 12:43 a 45, que se torna um texto usado para apoiar orações e ofertas em favor dos mortos.

O que encontramos, porém, entre todos os reformadores da primeira geração não é a rejeição dos apócrifos, mas uma moderação no uso destes textos. Os próprios reformadores continuaram a demonstrar grande consideração por estes textos. Por

exemplo, Martinho Lutero se dá ao trabalho de traduzir os livros que ele considera serem agora apócrifos como parte de seus esforços para criar uma Bíblia alemã.

Mas ele os situa, incluindo os acréscimos a Daniel e os acréscimos a Ester, que ele separa agora dos livros de Daniel e Ester no Antigo Testamento. Ele os coloca numa seção separada entre os Testamentos, onde, francamente, eles pertencem cronologicamente. Em seu prefácio a esta nova seção, este primeiro apócrifo impresso, por assim dizer, entre os Testamentos, ele escreve: Estes são livros que, embora não sejam considerados como as Sagradas Escrituras, ainda são úteis e bons de ler. Se olharmos para alguns dos outros prefácios que ele escreve para livros específicos entre os apócrifos, vemos outros exemplos de seu elogio e valorização específicos dos livros apócrifos, na verdade dizendo aos seus luteranos para continuarem a lê-los.

Em seu prefácio à Sabedoria de Salomão, lemos: Há muitas coisas boas nele e vale a pena lê-lo. Este livro é uma boa exposição e exemplo do primeiro mandamento. Esta é a principal razão pela qual este livro deve ser lido: para que se aprenda a temer e a confiar em Deus, para que ele nos ajude pela sua graça.

Acabei de pensar em promover os apócrifos. No verso, terei uma lista de endossos agora, e valerá a pena ler, Martinho Lutero. Do prefácio de Lutero aos Primeiros Macabeus, lemos esta recomendação.

Este livro é um daqueles que não fazem parte da Bíblia Hebraica, mas suas palavras e discursos são quase tão esclarecedores quanto os dos outros livros da Sagrada Escritura. E não seria errado considerá-lo como tal porque é um livro muito necessário e útil, como testemunha o profeta Daniel no capítulo 11. Por esta razão, também é útil para nós, cristãos, lê-lo e conhecê-lo.

Lutero aponta com muita razão que, se quisermos dar sentido a Daniel 11, precisamos saber muito mais sobre a história intertestamentária, porque Daniel 11 segue a história dos Ptolomeus e dos Selêucidas em sua guerra uns contra os outros e foca especialmente sobre a atividade de Antíoco IV. E muitas, muitas pessoas interpretaram mal Daniel 11 porque não seguiram o conselho de Lutero, então leram Primeiro Macabeus e se familiarizaram com a história intertestamentária. Os reformadores suíços também adotaram o que seria considerado uma visão elevada dos Apócrifos, quando comparado com a opinião da maioria dos seus descendentes.

Ulrich Zwingli, em seu prefácio à Bíblia de Zurique de 1531, afirma que os livros apócrifos, que ele também separa e imprime em local separado, não fazem parte do Antigo Testamento. Ele afirma que os livros apócrifos contêm muito de verdadeiro e útil, promovendo a piedade de vida e a edificação. Ele compara os livros apócrifos a um espelho, mas, desculpe, retiro o que disse.

Ele compara os inquestionáveis livros canônicos do Antigo Testamento a um espelho, onde a piedade é claramente refletida. E os Apócrifos para regar, ora águas claras, ora águas perturbadas e turbulentas. E sem dúvida ele está pensando em Segundo Macabeus 12 e Tobias 4, em lugares como esse, como lugares assim.

Assim, ele aconselha o uso crítico desses livros, e até cita 1 Tessalonicenses 5:21 nesse sentido. Teste tudo e apegue-se ao que é bom. O importante que eu destacaria disso é que ele, de fato, recomenda a leitura dos Apócrifos e a análise deles.

Ele não toleraria negligenciá-lo completamente. A Confissão de Zurique de 1545 também afirma que os Apócrifos são úteis e frutíferos para os cristãos, desde que o conteúdo seja interpretado de acordo com as escrituras canônicas. A posição de João Calvino é essencialmente a mesma de seus escritos anteriores.

Por exemplo, no Prefácio ao Antigo Testamento da Bíblia de Genebra de 1546, que é frequentemente atribuído a João Calvino, lemos isto. É verdade que os Apócrifos não devem ser desprezados, na medida em que contêm ensinamentos bons e úteis. Ao mesmo tempo, ele, é claro, faz uma distinção cuidadosa entre esses livros, os livros apócrifos, e aqueles, entre outras coisas, dados a nós pelo Espírito Santo, que deveriam ter precedência sobre o que veio dos seres humanos.

Menno Simons, que, claro, é o pai dos Menonitas e Anabatistas, importantes movimentos pietistas Anabatistas, ele também manteve uma visão muito elevada dos Apócrifos. Na verdade, ele vai além dos seus reformadores de pares. Ele os cita ao lado dos livros da Bíblia Hebraica como tendo igual autoridade.

E ele valoriza particularmente os textos relativos aos martírios sob Antíoco IV, 1 Macabeus 1 e 2 Macabeus 6-7, porque estes textos foram recursos muito importantes para ajudar a sustentar os Anabatistas face à perseguição, tanto por parte de opositores católicos como protestantes. Na Reforma Inglesa encontramos, novamente, a recomendação do uso qualificado dos Apócrifos. Thomas Cranmer, que nos deu os 39 artigos de religião, escreve no sexto artigo, os outros livros, como disse Jerônimo, a igreja lê por exemplo de vida e instrução de costumes, mas ainda assim não os aplica para estabelecer qualquer doutrina.

Então, aqui novamente, temos aquela famosa diferenciação entre usar os Apócrifos para questões de teologia e usar os Apócrifos para questões de piedade, devoção e ética. As leituras dos apócrifos continuam a ser usadas em serviços públicos de adoração na recém-formada Igreja da Inglaterra. Todas as Bíblias impressas deveriam incluir os Apócrifos, embora, como na Bíblia de Lutero e de Genebra, eles fossem impressos como uma seção separada.

Agora, em resposta a esta medida dos reformadores, a Igreja Católica Romana tomou uma atitude própria. No Concílio de Trento em 1546, a Igreja Católica Romana reafirmou uma decisão anterior que tinha sido tomada no muito menos conhecido Concílio de Florença em 1442, que nessa altura já representava a posição maioritária dentro da Igreja Católica. Afirma oficialmente Tobias, Judite, Sabedoria, Ben Sirah, Baruque e Primeiro e Segundo Macabeus, bem como todo o material contido nas versões mais longas de Daniel e Ester, como parte do cânon do Antigo Testamento.

Esta afirmação ou reafirmação decisiva por parte da Igreja Católica parece ter gerado um contra-movimento entre alguns protestantes. Na verdade, motiva- os numa espécie de formação reaccional para se tornarem menos moderados na sua própria posição sobre o valor dos Apócrifos. Então, Calvino dirá mais tarde na vida, depois do Concílio de Trento, não sou um daqueles que querem condenar completamente a leitura desses livros, mas depositam confiança neles? Esse nunca foi o seu destino até agora.

Assim, creio que encontramos, mesmo durante a vida de Calvino, um afastamento de uma afirmação clara do seu valor para uma reserva ainda maior, à medida que a Igreja Católica Romana, em resposta às igrejas da Reforma, continua a tornar esta questão cada vez mais uma questão. de definição entre os dois movimentos. A Confissão de Westminster de 1647 classifica especificamente os Apócrifos ao lado de qualquer escrita humana, sem nenhum elogio especial. Lá vemos que os livros comumente chamados de Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do cânon das Escrituras e, portanto, não têm autoridade na Igreja de Deus, nem devem ser aprovados ou utilizados de outra forma além de outros livros humanos. escritos.

Agora, o que encontramos pela primeira vez num texto da Reforma é uma declaração puramente negativa sobre os Apócrifos, que autoridade eles não têm sem as correspondentes declarações positivas, nomeadamente dizer que ainda são bons e úteis para ler. E eu acho que isso representa uma grande mudança na avaliação protestante, na avaliação dos apócrifos no período da Reforma. Mas apresso-me em salientar que não foi a posição de Lutero, Zwingli, ou do pré-concílio de Trento, Calvino.

Em inglês, bem, não apenas na Igreja inglesa, vemos que, apesar desta mudança, as Bíblias continuam a ser impressas com os apócrifos. A versão King James em 1611 incluía os apócrifos e continuaria consistentemente até 1631. Quando Joachim Morgenweg publicou a Bíblia Hamburgo-Lutero em 1708, ela também continha os apócrifos.

Morgenweg também defendeu a prática com base no valor intrínseco dos Apócrifos. Ele escreve, eles são anexados às Sagradas Escrituras do Antigo Testamento e fornecidos para leitura pelos cristãos porque são muito úteis para a edificação do

povo de Deus e são também um espelho da providência e ajuda divina. A sabedoria cristã, a boa disciplina doméstica e o ensino moral sadio, apesar de não serem de origem divina direta, mas escritos por meros seres humanos.

Depois de 1631, as Bíblias para uso pessoal começaram a ser impressas sem os apócrifos, embora as Bíblias para uso nas igrejas, o grande altar e as Bíblias do púlpito, continuassem a incluir esses livros, uma vez que as leituras de vários livros apócrifos continuariam a ser prescritas pelo lecionário ao longo do século. ano. Esta impressão de Bíblias sem os apócrifos acontece pela primeira vez como uma inovação por parte de editores de Bíblias, e não de organismos eclesiais. Eles conseguiram, com esta inovação, fornecer um produto para compra e consumo individual que era 20% mais fino e, portanto, 20% mais barato do que as Bíblias produzidas para uso na igreja.

Os puritanos faziam lobby pela remoção completa dos apócrifos de todas as Bíblias. Eles representavam uma posição muito não-reformista a esse respeito. E as sociedades bíblicas e missionárias estrangeiras finalmente conseguiriam a remoção dos apócrifos da maioria das Bíblias protestantes impressas no século XIX.

E eles defenderam isso alegando que os fundos que levantaram, que representavam a maior parte da impressão de Bíblias no mundo naquela época, os fundos que levantaram foram destinados à publicação e divulgação das escrituras e não aos livros adicionais. . À medida que o acesso aos apócrifos diminuía, a ignorância do seu conteúdo, combinada com um preconceito e polémicas contínuos contra a Igreja Católica Romana, levou os protestantes a dissociarem-se cada vez mais dos apócrifos como um distintivo da sua identidade. A opinião dos reformadores de que estes textos eram bons e úteis foi assim esquecida.

Como funcionavam os apócrifos nas igrejas de hoje? As igrejas ortodoxas orientais geralmente recebiam esses livros como deuterocanônicos. Mas há uma grande variedade dentro do que chamamos de igrejas Ortodoxas Orientais em relação a esta prática: Ortodoxa Grega, Ortodoxa Armênia, Ortodoxa Russa e tudo o mais. E fiéis à sua tradição, eles afirmam oficialmente uma ampla variedade de pontos de vista e práticas locais e decisões históricas relativas ao uso e autoridade de qualquer livro apócrifo.

Assim, as igrejas ortodoxas orientais continuam a viver na situação em que sempre viveram desde o início. Ou seja, uma variedade de pontos de vista sobre como esses livros extras deveriam ser usados e lidos. E continuar a tolerar o debate e a ambiguidade, em vez de forçar decisões que possam fraturar ainda mais a comunhão ortodoxa.

As igrejas católicas romanas, seguindo o Concílio de Trento, afirmam a maioria dos livros dos quais temos falado como apócrifos como parte do Antigo Testamento. E

essa lista, novamente, é Tobias, Judite, as versões gregas de Ester e Daniel e, portanto, todas as edições, a Sabedoria de Salomão, a Sabedoria de Ben Sirah, Baruque e a Carta de Jeremias, e Primeiro e Segundo Macabeus. Nas igrejas anglicanas e episcopais, embora estes claramente não sejam textos canônicos do Antigo Testamento, eles permanecem opcionais, ou devo dizer que suas leituras continuam sendo lições opcionais no lecionário para certos domingos, para certos eventos especiais.

Por exemplo, Baruch 3 ainda é uma lição opcional relacionada com, ah, e agora estou envergonhado. Não posso esquecer a ocasião exata. Mas, de acordo com seu uso histórico, e também em serviços de sepultamento e casamento, você ainda poderá ouvir a leitura de Sabedoria de Salomão 3 ou Tobias 8.

A Oração de Manassés e o Cântico dos Três são usados até hoje como cânticos na liturgia da oração matinal em toda a Comunhão Anglicana. E, claro, outras igrejas protestantes removeram inteiramente das suas igrejas a leitura pública destes textos. E, em maior ou menor grau, permitiram-se levar ao completo desconhecimento do seu conteúdo.

Eu diria, em grande medida, contra as recomendações dos fundadores de muitas destas igrejas protestantes. Para concluir, gostaria de salientar algumas coisas. Primeiro, o debate de quase 2.000 anos dentro da Igreja testemunha a importância dos livros que compõem os Apócrifos para a Igreja Universal.

Isto é, a minha conclusão principal da história de todos estes debates canônicos é que de toda a literatura judaica escrita entre cerca de 250 AC e 100 DC, a igreja cristã realmente considerou estes livros importantes. Porque eles desempenharam um papel importante. E para a maioria dos cristãos, eles nunca desapareceram completamente de vista.

Sempre exerceram algum papel e foram afirmados mesmo por aqueles que não afirmaram seu status canônico. As opções no debate eram geralmente considerar esses livros como de igual valor ao restante do cânon do Antigo Testamento ou estimá-los em um nível logo abaixo do nível das Escrituras. A posição que a Igreja Universal menos recomendou, incluindo Martinho Lutero e Ulrich Zwingli, e mesmo João Calvino nos seus primeiros dias, é a posição de negligência intencional ou mesmo de desprezo por estes textos que a Igreja Universal tem valorizado em grande parte ao longo da sua existência.

Este é o Dr. David DeSilva em seu ensinamento sobre os Apócrifos. Esta é a sessão 9, Os Apócrifos na Igreja Cristã e no Cânon.